



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16953 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

MODOS DE ENSINAREAPRENDER E ANTIGAS/NOVAS CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

Alessandra Abreu - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

MODOS DE *ENSINAREAPRENDER* E ANTIGAS/NOVAS CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

Resumo expandido:

O presente artigo busca discutir o papel da alfabetização na atualidade, para isso apresenta resultados de uma pesquisa realizada no intuito de investigar materiais que foram utilizados como estratégias de alfabetizar as crianças durante e pós-pandemia e ainda são utilizados por muitos professores. Com base nos levantamentos realizados foi possível perceber que o conteúdo desses materiais não levam em consideração as concepções de alfabetização que reconhecem a criança como autora do seu processo. Estudos de Garcia (1988; 2006) e Jobim e Souza (1996), contribuíram como referencial teórico-metodológico para aprofundar a discussão dos materiais publicados com o objetivo de alfabetizar. O debate sobre processos alfabetizadores contribui para democratizar a leitura e a escrita como direito de todos, principalmente das crianças pertencentes às classes populares.

A pesquisa foi iniciada por levar em consideração que os anos de 2020 e 2021 ficarão para sempre marcados como o período da Pandemia da Covid 19. Enquanto as escolas necessitavam permanecer fechadas e os docentes buscavam estratégias outras para que a educação das crianças não fosse prejudicada em meio à necessidade do distanciamento físico, as aulas precisaram ser oferecidas de modo remoto, ou seja, a partir de encontros on line ou por materiais disponibilizados pelo/a professor/a para que cada criança pudesse estudar em

casa, com a ajuda de familiares no próprio lar. A maior preocupação ficou com os processos de alfabetização, cresceu o número de materiais como cursos e apostila, vendidos ou disponíveis em download, on line/ internet voltados para esse tema. Uma concepção de alfabetização que não parte do princípio que a linguagem é um processo vivo fruto das relações entre sujeitos de que assim como a criança aprende a falar no diálogo com os sujeitos e o mundo, aprende também a ler e a escrever com situações reais de leitura e escrita. Quais as tessituras de solidariedades e de convivência estão sendo construídas com as crianças quando percebemos um aumento pela procura por um ensino apostilado que prioriza a repetição e a memorização?

Os materiais produzidos como umas estratégias para facilitar a aprendizagem da leitura e escrita trazem em seu conteúdo uma noção de infância e de crianças descontextualizadas de suas condições sócio histórico e culturais e afetivo-volitivas, um nicho do mercado que é considerado por muitas empresas importante investir e é possível ter lucro. Estudos de Souza (1996 p. 46) apontam para o crescimento de uma visão de infância que coloca a criança a serviço das imposições de uma racionalidade modeladora das formas específicas de subjetividade, cuja matriz é a situação histórica e social do homem moderno, submerso nas exigências de um ideal de sujeito produtivo e consumidor, como também como aquele que na está em fase de preparação para a vida produtiva, determinando um vir a ser desses sujeitos, indivíduos ainda não prontos e que precisam ser educados e conduzidos com orientações específicas para esse fim.

Cresceu também a procura por cursos com orientações práticas sobre como alfabetizar e um retorno significativo de uma concepção de alfabetização que tem como base teórica e metodológica os conteúdos e textos das cartilhas. Estudos de Zaccur (2008), apontam que para que o aprendizado aconteça é necessário o processo criativo. Para isso ela constrói um movimento de cotejo com a imagem de Chaplin no filme *Tempos Modernos* da cena em que “o operário adestrado em apertar parafusos, automatizou esse gestos à exaustão a ponto de, aturdido, sair perseguindo uma jovem para apertar os botões dos seus vestidos, vistos por ele como parafusos” (Zaccur, 2008 p. 35). A passagem presente no filme do processo de repetição para o processo de criação demonstra de certa forma que o processo criativo surge quando a atividade em si começa a fazer algum sentido. Trazer a cena de Chaplin para pensar a passagem da repetição para a criação no intuito de compreender a procura de docentes e famílias por materiais que priorizam as atividades de repetição para a alfabetização em detrimento da promoção de experiências com as crianças que valorizem o lugar de fala da criança.

Foram avaliados quatro materiais com conteúdos disponíveis para pesquisa e/ou venda.

Material 1: kit só escola – atividades de alfabetização

Material 2: apostila de alfabetização

Material 3: No mundo das consoantes

Material 4: Como alfabetizar passo a passo

O material quatro (4) consta no site como bem avaliados pelos sujeitos que acessaram e/ou compraram o curso. Os comentários disponíveis no site também demonstram que muitos educadores adotam e valorizam o ensino apostilados, os demais também têm a comprovação de muitas visualizações e acessos.

Estudos de Garcia (1988), há mais de três décadas já reivindicavam uma educação humanizante e política entendendo que “discutir alfabetização é discutir o projeto político que se pretende para esse país” (GARCIA, 1988 p. 25).

Desconsiderar o caráter político do processo de Alfabetização é acreditar que a leitura e a escrita não fazem parte da vida e reconhecer que atividades desprovidas de sentido pouco contribuem para o processo alfabetizador. Os estudos de Garcia (1988), oferecem importantes elementos para a compreensão da Escola como um espaço libertário - Escolas-mundo preches de experiências plurais onde caibam os sonhos e desejos de todos. Como alimentar o sonho com uma educação que não permite a criança trazer a sua palavra e o seu pensamento? Atividades preocupadas com o desenho correto da letra cursiva quando na sociedade atual utilizamos o teclado na maioria das vezes para escrever. Araújo (2008), aponta que se as experiências de alfabetização estiverem sempre pautadas “em lançar a palavra-chave, desdobrá-las em famílias silábicas, formar novas palavras, etc., não sobra muito tempo para outras atividades” (p. 89), propostas que possibilitariam à professora se aproximar bem mais da realidade vivida pela criança. No entanto, mesmo com o retorno das aulas presenciais, ainda é assim que muitas escolas abordam a leitura e a escrita no processo de alfabetização. As experiências ficam restritas a apresentar, escrever e reproduzir palavras como se estas não fizessem parte da vida.

Estudos de Garcia (2006) apontam sobre a importância do investimento na educação, principalmente das classes populares de modo a desnudar o que tentam esconder os que detêm o poder. Precisamos de ações potentes na busca por escolas diferentes que inventam práticas pedagógicas “comprometidas com o que ainda não está posto, necessitando ser realizadas em meio às vivências do tempo kairós, tempo das subjetividades, dos afetos e dos bons encontros” (GARCIA, 2006, p. 74), e por isso não podemos compactuar com uma concepção de alfabetização transmissiva e capacitista que invisibiliza os saberes das crianças e que somente se preocupa com o tempo chrónos.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Mairce da Silva. Alfabetização tem conteúdo? In. GARCIA, Regina Leite (Org.). A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática – 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GARCIA, Regina Leite. Alfabetização responsabilidade de todos. Revista Andes, v. 15, p. 25-35, 1988.

GARCIA, Regina Leite; SAMPAIO, Carmen Sanches; TAVARES, Maria Tereza (Org.). Conversas sobre o lugar da escola. Rio de Janeiro: H. P. Comunicações, 2006.

SOUZA, Solange Jobim e. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In. KRAMER e LEITE(orgs). Fios e desafios da pesquisa. Campinas, SP: Papyrus, 1996, p.39-55.

ZACCUR, Edwiges. (Re) criando e alfabetizando: a partir de que modos e sentidos? In: GARCIA, Regina Leite (Org.). Novos olhares sobre a alfabetização. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2008.